



FOLHA

DE BOA VISTA

Ano XXXIV

Edição 5572

Um Jornal Necessário

Página Inicial

Comentar

Imprimir

Enviar por E-mail

.: Publicidades .:

EDITORIAS

Cidades

Especiais

Esportes

Opinião

Polícia

Política

Variedades

COLUMNS

Área de Luta

Avivamento

Jessé Souza

Minha Rua Fala

Ok!á

Parabólica

Shirley Rodrigues

Opinião

Guerra da Coréia: Sessenta anos de um conflito latente (1953-2013)

Data: 27/05/2013

Fonte: [a](#) [A](#) [A](#)

Rita de Cássia de Oliveira Ferreira*
Elói Martins Senhoras**

A Guerra da Coréia que aconteceu entre os anos de 1950 e 1953 teve sua origem em um contexto pós II Guerra Mundial, de bipolarização mundial, quando os Estados Unidos e a União Soviética, ex aliados que tinham lutado juntos na II Guerra Mundial, entram em conflito para controlar os territórios da península da Coréia.

Com o fim da II Guerra Mundial, a península da Coréia encontrou-se como foco inicial de uma potencial III Guerra Mundial, que ficara conhecida como Guerra Fria, uma vez que as tropas japonesas no controle da Coréia, fora rendida, tanto, pela União Soviética, que ocupava o norte da Coréia, quanto, pelos Estados Unidos, que ocupava o Sul.

Em um primeiro momento, no ano de 1945, o acordo entre os governos de Moscou e Washington ocorrido na Conferência de Potsdam oficializou o Paralelo 38, que cruzava o país, como linha responsável por dividir a península da Coréia em duas zonas: a do norte, ocupada por soviéticos, e a do sul, sob controle americano.

Em um segundo momento, no ano de 1948, a proclamação de independência da República Democrática Popular da Coréia (Coréia do Norte) cindiu politicamente a península, dando origem a dois países distintos, respectivamente, com um novo Estado Nacional socialista ao norte vis-à-vis ao tradicional Estado Nacional capitalista, a República da Coréia (Coréia do Sul).

Em um terceiro momento, entre os anos de 1950 e 1953, trava-se um conflito fratricida para delimitação das fronteiras com avanços e recuos e que traz graves consequências para ambos os lados, haja vista que somente após 3 milhões de pessoas terem sido mortas, um armistício foi assinado, embora nunca tenha surgido assinatura de acordo de paz, pois nenhuma das Coréias reconhece a outro como país.

De um lado, com o intenso envolvimento da União Soviética na militarização da Coréia do Norte, Josef Stalin aprovou, em 1950, o envio de tropas norte-coreanas, as quais eram compostas por soldados que lutaram na Revolução Chinesa, para uma ofensiva contra a Coréia do Sul que atravessou o Paralelo 38 e que chegou a Seul, forçando os sul-coreanos a recuar para o Sul.

De outro lado, como contra-resposta à invasão de Seul, o presidente sul-coreano Rhee, ordenou não somente a evacuação da capital, mas também implementou uma política de eliminação de milhares de indivíduos supostamente identificados como simpatizantes do comunismo, política esta que seria coadunada pela declaração de guerra à Coréia do Norte pelo governo estadunidense.

Frente à evolução fática dos conflitos, o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou as resoluções 82 e 83, as quais deliberavam, respectivamente, a reprovação da invasão da Coréia do Norte pela Coréia do Sul, e, a autorização para intervenção militar de tropas da ONU para por fim ao conflito, o que repercutiu na entrada da China no conflito, obrigando as tropas da ONU a recuar.

Durante os anos que se seguiram desde o início das hostilidades e que vão até 1953, observa-se que o teatro de guerra se restringiu a uma zona fronteiriça em que aconteceram movimentos de pouco impacto, notadamente territórios próximos ao paralelo 38, desde a libertação de Seul pelas tropas da ONU em 1951, período que registrou tentativas desta organização multilateral para suspender as hostilidades por meio de convenções de paz.

Embora a assinatura do armistício tenha acontecido somente em 1953, o que permitiu interromper as batalhas, quando foram fixadas as fronteiras entre as Coréias, a sua repercussão no custo da divisão vem até os dias de



hoje, já que os países se desenvolveram economicamente com padrões altamente distintos e assimétricos, enquanto, politicamente, o conflito nunca terminou, mas apenas fora interrompido por um tempo indefinido.

Conclui-se com base nestas discussões que o crescente tensionamento na península Coreia desde março de 2013 - engendrado pelo líder norte-coreano, Kim Jong-un, ao confirmar o fim do armistício com a Coreia do Sul - corrobora para a compreensão de que existe uma inflexão na longa duração da declaração Norte-Sul de não-agressão que merece atenção, por mais que persista uma recorrente estratégia norte-coreana de chantagem e barganha política a fim de se trazer ganhos a um país que se encontra isolado por sanções internacionais.



*Rita de Cássia de Oliveira Ferreira é graduanda em Relações Internacionais e pesquisadora do Núcleo Amazônico de Pesquisa em Relações Internacionais (NAPRI) pela Universidade Federal de Roraima. Email para contato: rita_oferreira@hotmail.com.

**Elói Martins Senhoras é economista e cientista político, especialista, mestre, doutor e pós-doutorando em Ciências Jurídicas. É professor universitário em cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Email para contato: eloisenhoras@gmail.com.



Principal



Assinatura



Expediente



Denúncias



Classificados



Fale Conosco

Copyright © 2013 - Folha de Boa Vista - Todos os Direitos Reservados